

A Paratopia no discurso literário de Conceição Evaristo

The Paratopie within Conceição Evaristo's literary discourse

FERNANDA FONTES ARRUDA¹

DOI: <https://doi.org/10.23925/2764-8389.2023v3i2p93-120>

RESUMO: Esse estudo propôs analisar a paratopia dentro discurso literário de Conceição Evaristo no texto “A gente combinamos de não morrer”, sob a perspectiva do Discurso Literário conceituado por Maingueneau, de forma a abordá-lo por meio da interdisciplinaridade entre a literatura e linguística. Para o conceito de paratopia, novamente utilizamos as definições de Maingueneau e pudemos encontrar três embreganes paratopicas que se revelam de forma mais explícita no texto: a paratopia de raça/identidade, da mulher e de espaço. Além disso, chama especial atenção a personagem Bica, que por gostar de escrever sobre sua vivência, encarna não apenas o conceito de escrevivência como também a própria paratopia criadora.

PALAVRAS-CHAVE: Conceição Evaristo; Discurso Literário; Paratopia; Escrevivência; A gente combinamos de não morrer

ABSTRACT: This paper aims to analyze the paratopia within Conceição Evaristo's literary discourse in the text “A gente combinamos de não morrer”, from the perspective of the Literary Discourse conceptualized by Maingueneau, in order to approach it through the interdisciplinarity between literature and linguistics. For the concept of paratopie, we again use Maingueneau's definitions and we were able to find three that are revealed more explicitly in the text: the paratopie of race, womenand space. In addition, special attention is drawn to the character Bica, who likes to write about her experience, embodying not only the concept of escrevivência but also the creative paratopie itself.

KEY WORDS: Conceição Evaristo, Literary discourse, Paratopie . Escrevivência, A gente combinamos de não morrer.

SUMÁRIO: 1. Introdução; 2. Relações sócio-históricas de produção; 2.1. A Autora; 2.2. Conceição e o movimento negro; 2.3. Escrevivência; 2.4. A literatura afro-brasileira; 3. Constructo Teórico-Metodológico; 3.1. A paratopia criadora e as embregens paratópicas; 3.2. A obra; 4. Análise; 5. Considerações finais; 6. Referências bibliográficas

1. Introdução

¹ Possui graduação em Letras - Português e Inglês pela Universidade de Sorocaba (2014). E-mail: ferfontesa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3263481977306001>.

O presente artigo tem como tema o estudo do discurso literário no conto *A gente combinamos de não morrer* de Conceição Evaristo, tendo como principal foco o conceito de paratopia estipulado por Dominique Maingueneau.

Conceição Evaristo é um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea, sendo uma das principais vozes dentre as mulheres negras, que tanto foram silenciadas e tão pouco espaço tiveram dentro de nossa literatura. As obras da autora são recorrentemente clarificadas como literatura afro-brasileira ou literatura negra, uma vez que colocam o negro como sujeito principal e questionam a situação em que estes se encontram em uma sociedade ainda marcada pelo racismo e pelas desigualdades.

Além de escritora, Evaristo também é militante do Movimento Negro e acadêmica, sendo responsável por cunhar o conceito de *escrevivência*, o qual tem um papel significativo em sua obra.

Para este estudo, estudaremos o texto de Conceição Evaristo sob a luz da Análise do Discurso de Dominique Maingueneau, o qual compreende o texto literário também como discurso e propõe uma análise interdisciplinar que une literatura e linguística, de forma a recuperar a autoralidade e levar em conta as condições sócio-históricas de produção, mas sem nunca perder de vista o próprio texto.

Nos interessa particularmente o conceito de Paratopia Criadora, o qual foi definido por Maingueneau como a condição do autor e do texto literário de pertencer e não pertencer simultaneamente a sociedade, não possuindo assim nenhum lugar definido. A paratopia criadora é estabelecida somente por meio do processo de criação, pois é a partir desse não pertencimento que o autor consegue construir seu território, produzindo o seu texto ao mesmo tempo que cria as condições para que possa produzi-lo.

Maingueneau também estabelece representações da paratopia encontradas dentro de textos literários por meio de *embregens*, para o nosso projeto nos interessa especialmente a paratopia racial, a paratopia de lugar e a paratopia da mulher, que não apenas se destacam no texto como também conversam com a própria condição paratópica da autora Conceição Evaristo, uma vez que ela é uma mulher negra nascida na periferia.

Nosso artigo é dividido em três seções. Na primeira, apresentamos as condições socio-históricas de produção da obra, apresentando a autora, o movimento negro e o seu contexto sócio-histórico. Na segunda discutimos o aparato metodológico ligado a Análise do Discurso Literário

que utilizamos no estudo. E por fim, na terceira, apresentamos um breve resumo do conto A gente combinamos de não morrer e a sua análise

2. Relações sócio-históricas de produção

Para se fazer uma Análise do Discurso Literário **conforme** Maingueneau (2018), faz-se necessário primeiramente apresentar as relações sócio-históricas da obra, ou seja, apresentar a autora, o contexto social e histórico em que ela viveu e em que escreveu essas obras e o movimento literário em que sua obra é comumente inserida pelos estudiosos. Essa necessidade parte da rejeição de Maingueneau em considerar o autor como morto e buscar assim fazer uma análise que se concentre tanto no texto quanto em suas margens, não isolando assim um do outro.

2.1. A Autora

Conforme Duarte (2006), Maria da Conceição Evaristo de Brito, autora da obra aqui estudada, nasceu em uma favela situada no alto da Avenida Afonso Pena, a qual hoje uma das áreas mais valorizadas da zona sul da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais no ano de 1946. Sua mãe, Dona Joana trabalhava passando e lavando roupa para as famílias mais abastadas, além de cuidar de nove filhos, para os quais costumava contar histórias, o que teve um grande peso na formação literária de Conceição.

A escritora afirma que a sua paixão pela leitura e pela escrita surgiu em sua juventude, mas esta nunca a alienou de sua condição social, sendo na verdade sempre permeada pela consciência de seu contexto de mulher negra e pobre. Isso pode ser verificado pelas palavras da própria autora, em um texto publicado no livro Representações Performáticas Brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces Organizado por Marcos Antônio Alexandre

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita

como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (Alexandre, 2007. P 16-21)

A autora terminou o até então conhecido Curso Normal com 25 anos, mas sem conseguir trabalhar como professora na capital mineira, onde era necessário de indicação para ingressar no magistério, Conceição se mudou para o Rio de Janeiro onde conseguiu passar em concurso público para o magistério e ingressou no curso de Letras na Universidade Federal

Em 1996, Evaristo se tornou mestra pela PUC do Rio de Janeiro defendendo a dissertação Literatura Negra: uma poética da nossa afro-brasilidade e em 2011 tornou-se doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense ao traçar paralelos em a literatura afro-brasileira e a literatura africana.

Teve seu poema “Vozes-mulheres” publicado pela primeira vez em 1990 na edição número 13 de Cadernos Negros do Quilombo hoje, revista essa comprometida com a causa negra e que viria a publicar muitos outros textos da autora. Já o seu primeiro romance, Ponciá Vicêncio viria a ser publicado somente em 2003.

Desde então, entre contos, poemas e romances, Evaristo publicou diversas outras obras como Becos da Memória (2006), Poemas da recordação e outros movimentos (2008), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos d’água (2014), Histórias de leves enganos e parecenças (2016), Poemas de recordação e outros movimentos (2017), e Canção para ninar menino grande (2018).

Em 2018, Conceição Evaristo se candidatou para ocupar a cadeira número 7 da Academia Brasileira de Letras e contou com uma ampla campanha em prol de sua candidatura, tendo circulado inclusive um abaixo assinado com mais de 20 mil nomes, todavia, foi preterida pelo cineasta Cacá Diegues. Caso tivesse logrado êxito, Conceição Evaristo teria sido a primeira mulher negra a ingressar no seletor grupo, o qual naquele momento possuía apenas cinco mulheres brancas e um homem negro entre seus 39 membros.

2.2. Conceição e o movimento negro

Por ser uma mulher negra e marginalizada, Evaristo se destacou por trazer para a sua obra questões importantes sobre raça, gênero e classe, de forma a não ser possível desvincular sua arte de sua militância política.

A autora afirma que sua primeira experiência com a militância ocorreu em Belo Horizonte ao participar da JOC (Juventude Operária Católica), mas que sua ida ao Rio de Janeiro foi crucial em sua jornada, especialmente ao ter maior contato com o movimento negro e o candomblé, como afirma no texto abaixo

O momento da militância é o momento aqui do Rio de Janeiro [...] Se bem que Belo Horizonte é um caso interessante. [...] Em 1972 em Belo Horizonte a gente já ouvia os ecos do Movimento Negro dos Estados Unidos, porque em 1972 eu já usava o cabelo black power, influenciada por Angela Davis. Quando eu vim pro Rio fazer o concurso pro magistério, eu já usava o cabelo black power. Então nesse momento em Belo Horizonte eu já recebo ecos de movimento negro. É essa questão do famoso lema, “Black is beautiful”. Então naquele momento lá em Belo Horizonte, agora que eu estou me recordando, eu já compactuava com esse ideal. Agora, em termos de militância mesmo, de Movimento Negro, assim, como luta coletiva, eu venho conhecer melhor é no Rio de Janeiro. (Evaristo, 2010).

Na década de 80, Evaristo fez parte do grupo Negrícia: Poesia e Arte de Crioulo, o qual levava recitais de poesia a comunidades, presídios e bibliotecas públicas. Posteriormente, a autora teve contato com o grupo paulista Quilombo hoje, o qual tem um papel muito importante na divulgação de escritores negros e inclusive foi responsável pela estreia de Conceição na literatura, ao publicar uma poesia da autora na décima terceira edição de Cadernos Negros

Eu digo que ele é um ritual de passagem pra muitos de nós. [...] O dia que os críticos de literatura brasileira estiverem mais atentos pra escrever a história da literatura brasileira, querendo ou não eles vão incorporar a história do grupo Quilomb hoje. Tem que ser incorporada. Na área de literatura brasileira como um todo, é o único grupo que [...] tem uma publicação ininterrupta durante 33 anos. [...] Acho que quando surgirem historiadores, críticos que tenham uma visão mais ampla da literatura, vai ser incorporada. Essa é a dívida que a literatura brasileira tem com o grupo Quilombhoje. (Evaristo, 2010).

Ademais, Evaristo nunca separou a sua militância da vida acadêmica, seja por abordar a questão negra na literatura em seu projeto de mestrado e doutorado, seja por ocupar esse espaço que tanto é negado aos negros e dar voz a questões muitas vezes ignoradas pelos intelectuais brancos. Conforme ela expressa nesse trecho de entrevista:

Hoje eu não tenho nenhuma dificuldade, eu tenho certeza que a academia é um espaço de militância também. Aquela questão de ‘saber é poder’. Eu tenho certeza que a academia é um lugar de militância, eu acho que as pessoas oriundas das classes populares, elas têm que estar dentro da academia. Você tem que levar um outro discurso, um outro posicionamento, formas de saberes diferenciados, porque senão a academia vai continuar sendo... os produtores de saber serão sempre das classes privilegiadas. Hoje eu não tenho nenhuma

dificuldade de encarar a academia como um espaço meu, que eu tenho que estar lá dentro com uma outra postura. (Evaristo, 2013).

Machado (2014) analisa que a trajetória de Conceição acompanha a do movimento negro, nos 80 em que a militância era mais forte nas ruas, a autora também se concentrou em atividades mais concretas e próxima de seu público. Já nos anos 90 a luta se concentrou nos marcos institucionais, de forma a cobrar que as novas leis promulgadas pela constituição de 88 fossem garantidas, nesse momento Evaristo se centrou em trazer pautas raciais na sua carreira acadêmica e literária.

2.3. Escrivência

O conceito de Escrivência foi cunhado pela própria Evaristo e primeiro apareceu no texto *Da grafia-desenho de minha mãe*, um dos lugares de nascimento de minha escrita, nele ela recorda os seus primeiros contatos com a escrita, desde o desenho de sol que a mãe dela fazia no chão para chamá-lo nos dias de chuva, a lista de peças a ser lavadas pelas lavadeiras, a listas de mantimentos, as anotações de uma tia que tinha por mania escrever os acontecimentos importantes até o próprio diário de sua mãe.

A autora então passa a refletir sobre como a sua escrita passou a ser moldada não apenas pelos livros da biblioteca, mas também por todas as experiências que vivenciou, presenciou ou até mesmo lhe foram narradas por outras mulheres que vivem em semelhante condição, o que posteriormente viria a chamar de *escrivência*.

Mas digo sempre: creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir.(...) Na origem da minha escrita ouço os gritos, os chamados das vizinhas debruçadas sobre as janelas, ou nos vãos das portas contando em voz alta uma para outras as suas mazelas, assim como as suas alegrias. Como ouvi conversas de mulheres! Falar e ouvir entre nós, era a talvez a única defesa, o único remédio que possuíamos. Venho de uma família em que as mulheres, mesmo não estando totalmente livres de uma dominação machista, primeira a dos patrões, depois a dos homens seus familiares, raramente se permitiam fragilizar. Como “cabeça” da família, elas construíam um mundo próprio, muitas vezes distantes e independentes de seus homens e mormente para apoiá-los depois. Talvez por isso tantas personagens femininas em meus poemas e em minhas narrativas? Pergunto sobre isto, não afirmo. (Evaristo, 2005)

Também no mesmo texto, Evaristo reflete o caráter de insubordinação das mulheres negras no ato de escrever, rompendo a passividade da leitura e ocupando um espaço o qual lhes negado pela sociedade, em suas próprias palavras : A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

2.4. A literatura afro-brasileira

A literatura afro-brasileira segundo IANNI (1988) corresponde a um conjunto de obras, sejam contemporâneas ou clássicas, de autoria negra e que coloca o negro como seu tema principal, compreendendo suas vivências e problemas, tanto como indivíduo quanto como coletividade.

Colocar o negro como tema central da narrativa, implica retratar o branco como o “outro do negro” e também abordar períodos históricos como a escravidão, a monarquia, as várias repúblicas e ditaduras, a urbanização e assim por diante.

Luis Gama e Maria Firmina dos Reis são os precursores da literatura afro-brasileira, não apenas por serem autores um dos primeiros negros a terem sua obra publicada, como também pela abordagem até então única da negritude brasileira

A narrativa de Conceição Evaristo filia-se, portanto, a esse veio afrodescendente que mescla história não-oficial, memória individual e coletiva com invenção literária, iniciado com a publicação de *Úrsula*, em 1859.⁵ O texto de Maria Firmina dos Reis, a exemplo da poesia satírica de seu contemporâneo Luiz Gama, destoa cabalmente do projeto literário romântico, empenhado na missão conservadora de unir o país assolado pelas recentes revoltas separatistas, através do reforço literário das narrativas e conceitos de nação e de identidade nacional. O texto de *Úrsula*, ao contrário das ficções de fundação comuns em seu tempo, recusa-se a propagar a ideologia de uma identidade nacional una e coesa, que apaga as diferenças e naturaliza hierarquias. Em vez disso, enfatiza a diferença étnica transformada em desigualdade social e subalternizada pelo escravismo. Ao colocar o negro como referência axiológica de seu texto, verdadeiro exemplo para personagens e leitores brancos; e ao inscrever senhores e escravos como “filhos de Deus” e “irmãos” perante os desígnios divinos, a escritora maranhense apropria-se da moral hegemônica para desmascarar o rebaixamento dos afrodes-cendentes. (Duarte, 2007,p.308)

Ademais, esse movimento literário está intimamente ligado ao movimento negro, uma vez que relembra o passado, reflete as condições do negro e é responsável por diversos avanços contra discriminações sociais, econômicas, políticas e culturais que acabam por influenciar o surgimento de novas gerações de escritores. É por meio dos questionamentos, reflexões e conquistas do movimento, que o escritor encontra material para a sua obra.

Todavia, a relação entre ambos é de mão dupla, de forma que a literatura também possui um importante papel para o movimento, já que não apenas expressa como também organiza uma parte importante da consciência social do negro.

Sendo assim, é indiscutível que Evaristo pertence a literatura afro-brasileira ou negra, não apenas por sua cor de pele, mas também por fazer do negro a figura central de sua obra, retratando suas condições sociais de forma crítica e comprometida com a luta racial.

Além disso, a trajetória de Evaristo está intimamente ligada ao movimento negro e a literatura afro-brasileira, seja pela sua participação do coletivo Negrícia quanto também por publicar de forma reiterada no Cadernos Negros, cujo foco é justamente a literatura afro-brasileira.

3.1. Constructo Teórico-Metodológico

Neste projeto analisaremos o texto literário de Conceição Evaristo como Discurso sob a perspectiva da Análise do Discurso de MAIGUENEAU (2005). O autor definiu a Análise do Discurso como o disciplina cujo objeto de estudo é o discurso e que o compreende como a intricação de um texto e de um lugar social que o produziu

Mangueneau rompe com a separação entre Literatura e Linguística ao falar de discurso literário, propondo uma abordagem que une as duas disciplinas, de forma a se complementarem.

O discurso literário se afasta tanto da perspectiva que imperava entre o romantismo e os anos 60 de estudar a obra apenas pelo seu autor, ficando apenas nas fronteiras do texto, como também da que decretou a morte do autor em detrimento da intertextualidade. Maingueneau, em sua obra recupera o autor como criador da obra, mas sem perder o foco do texto, levando em conta os posicionamentos de grupo que se deixam transparecer no texto literário.

Segundo o ele é importante que se questione da seguinte forma ao analisar uma obra : Quem é esse indivíduo que o escreveu? Por que essa obra é ou não considerada canônica? Qual é a finalidade com que foi escrita? Em que círculo é possível encontrá-la?

Maingueneau caracteriza o Discurso Literário como um discurso constituinte, assim como o Científico, o Religioso e o Filosófico , ou seja, são discursos que se servem de si mesmos e não de outros, podendo inclusive vir a originar outros discursos. Esse conceito fica melhor explicado no trecho a seguir:

Os discursos constituintes são discursos que conferem sentido aos atos da coletividade, sendo em verdade os garantes de múltiplos gêneros do discurs. O jornalista, às voltas com um debate social, vai recorrer assim à autoridade do sábio, do teólogo, do escritor, ou do filósofo- mas o contrário não acontece. Esses discursos são, portanto, dotados de um estatuto singular,; zonas de fala entre outras e falas que se pretendem superiores a todas as outras (Maingueneau, 2018,p.61)

Como todo Discurso Constituinte, o Discurso Literário também é paratópico de forma que tanto ele quanto o seu enunciador pertencem e não pertencem à sua comunidade, não tendo nenhum lugar definido e apenas passam a existir através do próprio processo criativo literário.

Enquanto discurso constituinte, a instituição literária não pode fato pertencer plenamente ao espaço social, mantendo-se antes na fronteira entre a inscrição em seus funcionamentos tópicos e o abandono a forças que excedem por natureza toda economia humana. Isso obriga os processos criadores a alimentar-se de lugares, grupos, comportamentos que são tomados num pertencimento impossível (...)O pertencimentos ao campo literário não é , portanto, ausência de todo lugar, mas, como dissemos, uma negociação entre o lugar e o não-lugar, um pertencimento parasitárioque se alimenta de sua inclusão impossível. (Maingueneau, 2018,p.92)

3.1. A paratopia criadora e as embreagens paratópicas

Maingueneau (2018) define a paratopia como a “condição” da literatura e a condição de todo criador, que só vem a sê-lo ao assumir de maneira singular a paratopia do discurso literário. A paratopia só virá a existir dentro de um processo criador, o escritor ao não ter um lugar definido, deve construir o seu território por meio dessa falha.

Esse pertencimento paradoxal á paratopia não pode ser tratado como origem, causa e nem mesmo como condição, não basta ser marginalizado para ser tomado pelo processo de criação, mas é justamente na atividade de criação e de enunciação que a paratopia será elaborada. Dessa forma, escrever uma obra é ao mesmo tempo produzi-la e construir as condições que permitem essa produção.

Posteriormente, Maingueneau analisa as diversas embreagens paratópicas encontradas na literatura, todavia, para este trabalho nos interessa apenas três: a paratopiade raça/identidade, da mulher, a paratopia espacial e a própria paratopia criadora.

As embreagens paratópicas consistem em marcas que a condição de paratopia do autor deixa no texto analisado, ou seja, personagens, espaços e outros elementos da obra que refletem a condição

de não-lugar criada e ocupada pelo autor e que possibilita a sua escrita. Esse conceito pode ser melhor compreendido com a citação abaixo

A embreagem linguística, como se sabe, inscreve no enunciado sua relação com a situação de enunciação. Ela mobiliza elementos (os embreantes [embrayeurs]) que participam ao mesmo tempo da língua e do mundo, elementos que, embora continuam signos linguísticos, adquirem seu valor por meio do evento enunciativo que os produz. Naquilo que poderíamos denominar embreagem paratópica, estamos diante de elementos variadas ordens que participam simultaneamente do mundo representado pela obra e da situação paratópica através da qual se institui o autor que constrói esse mundo. (Maingueneau, 2018, p. 121)

Maingueneau cita muito rapidamente a paratopia de raça, inserindo-a dentro de sua definição de paratopia de identidade, a qual corresponde a pessoas que são marginalizadas por suas condições físicas. Apesar de pouco trabalhado pelo autor, esse conceito muito nos interessa ao trabalharmos esse conto, uma vez que a raça é um tema constante na obra de Evaristo e também nessa obra.

No caso do conto estudado temos o cidadão negro como um representante da paratopia de raça. Uma vez que vive em um país que apesar de ter uma grande população negra, ainda arrega as consequências nefastas de centenas de anos de escravidão, de forma que podemos considerar que o cidadão negro brasileiro ainda é um cidadão marginalizado na sociedade brasileira, a quem lhe é negado não só diversos direitos humanos básicos, como também o acesso aos mais diversos lugares e posições ocupadas pelos cidadãos brancos.

A condição da mulher é colocada como paratópica por Maingueneau, uma vez que tradicionalmente lhe delegam a função de cuidar da casa e lhe ser desencorajado a ocupação de um lugar na sociedade, dessa forma acabam se tornando dependentes das riquezas e do êxito do homem, sendo muitas vezes acusada de improdutividade e parasitismo. Madame Bovary é apontada pelo autor como um exemplo dessa situação, entediada em sua vida conjugal sem propósitos, a personagem se deixa levar por gastos exagerados, amantes e devaneios.

A embreagem paratópica não se dá somente nos personagens mas também pode estar no ambiente em que se passa a narrativa, diversos são os exemplos de lugares afastados e alheios ao mundo cotidiano, pertencendo e não pertencendo a ele ao mesmo tempo, sua figura materializa o distanciamento constitutivo do autor com relação à sociedade, exemplos dessa paratopia são as ilhas

das obras *Robinson Crusóe* e *a Ilha Misteriosa* de Júlio Verne, o sanatório de *A Montanha Mágica* de Thomas Mann e a prisão de *O deserto dos Tartaros* de Dino Buzzati.

Por fim, deve-se retomar o conceito da própria condição paratópica daquele que escreve uma obra literária, uma vez que ao escrever acerca de um personagem que também é escritor, esse personagem também se apresenta como uma embreagem paratópica, uma vez que para escrever sobre uma determinada sociedade, o escritor deve ao mesmo tempo pertencer e não pertencer a ela, devendo assim organizar a sua existência para se encontrar nesse não-lugar da paratopia criadora.

Isso pode ser verificado no trecho a seguir em que Maingueneau exemplifica o conceito aplicando-o ao autor Destouches:

Para escrever um livro como esse, para descrever comportamentos cruéis e escarnecedores das pessoas da alta sociedade, é preciso ser e não ser desse mundo, uma paratopia que não é do etnólogo, observador e participante, mas a de um homem, que deve aderir plenamente a esse mundo insuportável e afastar-se dele, não menos plenamente (...) Se a obra surge mediante uma paratopia, é o criador quem organizou uma existência de modo a tornar possível o surgimento de uma obra, a sua. Trata-se de um processo de “organização” paradoxal, pois ele deve a um só tempo contestar e preservar a falha que o torna possível e que assume com frequência o ar de um caos aparente, de um obscuro pacto com a morte e o sofrimento (Maingueneau, 2018, p 116-117)

3.2. A obra

“A gente combinamos de não morrer” é o décimo sexto conto do livro *Olhos d’água* lançado em 2014 pela editora Pallas. Nele temos contato com o destino de Dorvi, Bica, Esterlinda, Idago e Neo através das vozes de diversos narradores. O título do conto se dá pelo acordo que os personagens masculinos tinham quando jovens e que tem por seu descumprimento o desenlace da obra, uma vez que todos encontram um final trágico nas mãos do tráfico: Idago morre por ser considerado delator e Dorvi, ao ser encarregado de matar Neo, opta por se suicidar.

Além de Dorvi, essa história também nos é narrada por duas mulheres, Esterlinda, mãe de Idago e sogra de Dorvi ; Bica, irmã de Idago, esposa e mãe do filho de Dorvi, as quais, afastadas dos confrontos do tráfico acompanham o desenrolar dos eventos com preocupação e luto, tentando se desanuviar do conflito da forma que mais lhes apetece: Esterlinda assistindo novela e Bica escrevendo.

4. Análise

Iniciaremos essa análise abordando a paratopia racial, a qual apesar de não se encontrar de forma explícita na obra, uma vez que poucos são momentos em que somos informados sobre as características físicas dos personagens e nenhuma de modo muito conclusiva nesse quesito, esta, pode ser deduzida ao se levar em conta a escrita de Evaristo, que sempre se preocupou em representar a população negra e especial as mulheres, de forma que parece-nos certo que todos os personagens são de ascendência africana.

Além disso, dados sócio políticos oferecidos parecem confirmar essa hipótese, segundo o Instituto Locomotiva, a população negra representa 67% dos moradores das favelas e além disso, segundo o Atlas da Violência, os jovens negros são as maiores vítimas de homicídio no país. Estes dados não apenas coincidem com o espaço e o desfecho da narrativa de forma a reafirmar a hipótese, como também evidenciam a própria paratopia do negro, confirmando que é ele marginalizado de forma a lhe caberem justamente as piores condições de vida e os fins mais trágicos.

A favela, lugar onde moram as personagens, é outra das paratopias que nos vale analisar. Embora seja um lugar real e habitado por uma parcela considerável da população brasileira, esse espaço deve ser considerado como paratópico, pertencendo e não pertencendo a nossa sociedade ao mesmo tempo, de forma que inclusive muitos dos serviços públicos disponíveis em outras regiões não chegam a muitas dessas localidades.

Não é à toa que a sua representação tem sido muito explorada pela arte e pela literatura contemporânea, devendo-se destacar o premiado filme Cidade de Deus, uma vez que por ser moradia da parcela mais pobre de nossa população, a favela acabou por se tornar um espaço a parte de nossa sociedade, habitado por todos aqueles que são marginalizados socialmente e servindo de objeto de desprezo, curiosidade e medo para os cidadãos mais abastados

Por abrigar a parcela pobre e marginalizada da sociedade, a favela é constantemente vista como um espaço de ilegalidade, especialmente quando se trata do tráfico de drogas, que muitas vezes se torna o único meio de subsistência e esperança de uma vida melhor que os seus habitantes encontram. Os personagens da obra não fogem à essa ideia, uma vez que todos homens apresentados fizeram do tráfico o seu trabalho e terminam mortos por ele. Destaca-se entre eles Dorvi, o qual narra os seus sonhos de ter uma vida melhor com sua família e mata o amigo Neo justamente cumprindo o dever que lhe foi imposto pelos chefes.

Além disso, pela sua vulnerabilidade social, a favela também é um território que muitas vezes escapa às leis e a jurisdição oficial, fazendo valer, na verdade, a lei do tráfico ou das milícias que as governa. Isso é facilmente observado na obra em que analisamos, uma vez que os personagens masculinos, ao encontrarem no tráfico um meio de subsistência, são por ele levados a matar e a morrer, descumprindo assim o acordo que tinham entre si.

Ao discutir a relação da favela como lugar paratópico a parte da cidade, vale citar as palavras de Carolina Maria de Jesus, autora muito admirada por Evaristo em sua obra prima Quarto de Despejo

Em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos. (Jesus, 1993)

Também nos chama a atenção a postura de Bica e Esterlinda, pois embora sofram pelo destino de seus entes queridos e busquem esperança em uma vida melhor, parecem aceitar sem revolta o destino que lhes coube, uma vez que compreendem que o tráfico de drogas é o trabalho e a lei do lugar e pouco lhes cabe ir contra isso

A paratopia da mulher também encontra destaque nessa obra. Embora se encontrem em uma situação muito diversa de Emma Bovary, a condição de mulher dá as personagens femininas do conto uma condição de paratopia. Podem não ser ricas e nem acomodadas quanto à personagem francesa, de certo devem trabalhar arduamente para pagar as contas e não se mostram alheias ao mundo que lhes cerca, todavia, ambas não participam do mundo do tráfico, o qual, na “favela” muitas vezes representa o trabalho e a ordem do lugar.

Essa distância lhes afasta do núcleo principal da história e do pacto de não morrer, não lhes cabe na obra se envolver com os assuntos masculinos, ocupam o papel tradicional de mãe e esposa e apenas assistem de forma impotente a seus entes masculinos se destruírem.

Ao invés de buscarem afastar o tédio, ambas também desenvolvem hábitos não produtivos para a sociedade capitalista para desanuviar as suas cabeças das dores e preocupações de sua condição. Esterlinda assiste novela, mas ao contrário do que sua filha pensa, não se aliena por assisti-la, compreende a situação em que todos estão, mas busca na trama um motivo para conforto e de até mesmo de alegria e esperança em seus dias.

Já Bica se distância do sofrimento por meio da maternidade e da escrita, embora a história seja narrada por diversos personagens, é Bica a única que assume o papel de escritora e o faz justamente para aplacar a sua dor, transformando a sua paratopia de mulher negra habitante da favela em paratopia criadora, ainda que sem pretensões conforme o trecho a seguir:

Mas escrever funciona para mim como uma febre incontrolável, que arde, arde, arde... (...) Gosto de escrever palavras inteiras, cortadas, compostas, frases, não frases. Gosto de ver as palavras plenas de sentido ou carregadas de vazio dependuradas no varal da linha. Palavras caídas, apanhadas, surgidas, inventadas na corda bamba da vida. (Evaristo, 2007, p. 108)

Bica encarna o conceito de escrevivência de Evaristo, ao escrever deixa de ser apenas expectadora dos acontecimentos e assume um papel de sujeito, coloca no papel o mundo que lhe cerca, seja aquilo que viveu ou aquilo que lhe contam, fazendo de sua vivência o principal material para a sua literatura.

Mesmo ao narrar um acontecimento de criança em que escreveu palavras como maconha, pó, tiro e outros termos ligado ao tráfico na lousa em um exercício dado pela professora, Bica mostra a insubordinação de sua escrita, apresentando para a autoridade o mundo que lhe rodeia e que é silenciado e considerado imoral e incomodo, o que nos faz lembrar quando Evaristo afirma que a escrevivência não deve ser encarada como histórias de ninar a casa grande e sim para incomodá-la.

Dessa forma, não nos parece exagero afirmar que Bica acaba por trazer em sua personagem uma própria representação das paratopias que também cercam a escritora Conceição Evaristo, seja a de ser mulher em um mundo de homens, de ser negra em um mundo de brancos e de habitar, ou do caso de Conceição ter habitado, a favela. Bica, assim como Evaristo, por não ter um lugar próprio, acaba por criar o seu próprio território ao escrever, de forma a representar, mais do que qualquer outro personagem, a paratopia criadora da própria autora.

5. Considerações finais

Nosso artigo examinou a escrita de Conceição Evaristo tomando como base o texto “A gente combinamos de não morrer” que faz parte do livro “Olhos d’água”, analisando suas condições sócio-históricas de produção e as representações de paratopia encontradas na história.

Nesse estudo, consideramos o texto literário de Evaristo como discurso, conforme foi proposto por Dominique Maingueneau ao trazer uma abordagem interdisciplinar entre literatura e linguística. Além disso, nos valem de seu conceito de discurso constituinte, paratopia criadora e embreagens paratópicas.

Uma vez que Análise do Discurso Literário considera também importante a análise das condições sócio-históricas de produção da obra, abordamos a biografia de Evaristo e o seu contato como o movimento negro, o qual tem um grande impacto tanto na sua vida acadêmica quanto na literária. Também nos pareceu importante abordar o conceito de escrevivência, o qual foi criado pela própria autora para definir a sua obra e de literatura afro-brasileira, movimento literário no qual a autora se inscreve.

Por fim, em nossa análise exploramos as diversas manifestações de embreagens paratópicas encontradas na obra, sendo elas a paratopia de raça/identidade, a da mulher, a de espaço e a própria paratopia criadora. De todos os personagens, nos chamou especialmente a atenção a personagem Bica, a qual sendo uma mulher negra e habitante da favela, acaba por encontrar o seu refúgio ao escrever sobre a sua vivência, de forma não apenas a encarnar o próprio conceito de escrevivência como também a representar a própria paratopia criadora de Conceição Evaristo.

6. Referências Bibliográficas

BIANCHI, Paula e Campos Mateus. **Conceição Evaristo escritora negra eleição**. Disponível em: <<https://theintercept.com/2018/08/30/conceicao-evaristo-escritora-negra-eleicao-abl/>> Acesso em: 21 nov 2021.

DUARTE, Eduardo de Assis. **O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo**. 2006.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Depoimento**. Entrevista concedida a Bárbara Araújo Machado. Rio de Janeiro, 30 set. 2010.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. **Revista do Instituto de estudos Brasileiros**, n. 28, p. 91-99, 1988.

JESUS. Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. São Paulo: Francisco Alves, 1960; Ática, 1993.

MACHADO, Bárbara Araújo. **Escrevivência: a trajetória de Conceição Evaristo**. História oral, v. 17, n. 1, p. 243-265, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: contexto, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. O discurso literário contra a literatura. In: MELLO, Renato de (Org.). **Análise do discurso & Literatura**, Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2005. P 17-29.

RAMOS, Celiomar Porfírio; DA SILVA FERREIRA, **Rosineia**. Conceição Evaristo. 2011.

SALLES, Stéfano. **Cerca de 8% da população brasileira mora em favelas diz Instituto Locomotiva**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/cerca-de-8-da-populacao-brasileira-mora-em-favelas-diz-instituto-locomotiva/>> Acesso em: 21 nov 2021.

DATA DE SUBMISSÃO: 2023-03-19

DATA DE APROVAÇÃO: 2022-11-27



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacion